

ARQUEOLOGIA

Coisas de escrita

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO



Mesmo o monumento romano cuja inscrição desapareceu pode despertar atenção e levantar questões. É o que acontece com este.

Encontrado na herdade do Zambujal, freguesia de Quintos (Beja), está no Museu Rainha Dona Leonor, onde lhe foi atribuído o número de inventário B-115. Oferta do dono da propriedade, Domingos Maria Rosa, conforme se lê no número 1679 do jornal “O Bejense”, de 11 de março de 1893.

Acrescenta o articulista, José Umbelino Palma, que se trata de “um bem esboçado cipus (...) tendo aos cantos duas rosetas, no triângulo central um formosíssimo nó, havendo nas faces laterais, na grossura da pedra, do lado esquerdo, em alto relevo, duas figuras assim dispostas (...) e do lado direito outra idêntica mas ao alto”.

Transcreve Abel Viana, no seu livrinho **Museu Regional de Beja** (1946), com o número 41 (página 35), a citada informação de Umbelino Palma, descrevendo as figuras apresentadas: “dois rectângulos, cada qual

com outro inscrito, ambos horizontais”, do lado esquerdo e, do lado direito, “um rectângulo inscrito em outro, ambos verticais”. Diz que Vargas, no “Inventário” do museu (página 130, n.º 17), leu apenas D.M.S., na primeira linha e FIL no fim; ele, porém, não conseguira “ler tanto”. Anota o “belo frontão triangular com uma voluta de cada lado” desse “belo monólito”, que “está completo, faltando-lhe nitidez no letreiro”.

Tudo indica que, na altura do achado, se tenha lido DAT no início da linha dois; na linha três, N-M-N-S; na linha quatro, AN (...) XX (...) I referia a idade do defunto (mais do que 20 anos, portanto) e, na linha cinco, os dois TT apontam para a existência das habituais fórmulas funerárias finais.

Sendo assim, estamos perante um epítáfio consagrado aos deuses Manes (linha um). Na linha dois, quicá D(ecimus), sendo AT as letras iniciais de eventual nome de família do defunto; a linha três ocultará o cognome do defunto, terminado em NVS.

Haverá, pois, que proceder a cuidadosa limpeza da superfície epigrafada, a fim de

haver oportunidade de fazer uma série de fotografias passíveis de, através da aplicação de filtros, se ficar com a ideia mais clara acerca do letreiro. No fundo, seria de interesse conhecer a identidade do defunto e a idade com que morreu, porque a grandiosidade do monumento e o requinte da sua decoração revelam apurado gosto artístico, elevado nível económico e uma total adoção dos cânones estéticos dos romanos.

Vistosa se apresenta, na verdade, a estrutura arquitetónica do capitel, qual tímpano de jazigo funerário. Por seu turno, os relevos das faces laterais indiciam apurado gosto literário, se considerarmos – como parece viável, por comparação com que de semelhante se encontra em monumentos de “Aeminium” (Coimbra) e Conímbriga – que, na face esquerda, há a representação estilizada de uma caixa para guardar cálamos (estiletes de escrita), temos, inclusive, os “botões” para facilitar a abertura; e, na face lateral direita, um papiro em jeito de ser desenrolado para leitura. Decoração, sem dúvida, de veras significativa.